

## CONFERÊNCIA

---

### A MARINHA IMPERIAL E A UNIDADE NACIONAL (\*).

---

#### INTRODUÇÃO.

##### **A Marinha na época colonial**

No período colonial o Brasil recebia continuamente de Portugal a visita de frotas e de navios esparsos, não só para a defesa do seu litoral, como também para aguada, antes de tomarem as naves o rumo das Índias. Posteriormente, com a produção em grande escala do açúcar e depois com as descobertas de minas de ouro e de brilhantes, foi necessário a organização de um sistema seguro de transporte e proteção dessas riquezas para a Metrópole.

Mas toda essa organização tinha por base Portugal. As frotas e navios partiam daí com produtos manufaturados, importados na sua grande maioria do estrangeiro, e retornavam com as riquezas da Colônia.

Como os barcos eram de madeira, algumas naus e navios menores puderam ser construídos no Brasil, mas foram artilhados e equipados com peças e materiais provenientes da Europa.

\*

##### **A transmigração da Família Real portuguesa para o Brasil.**

Em 1807, devido à invasão de Portugal pelas tropas napoleônicas sob o comando do Marechal Junot, a Casa Real portuguesa, com a rainha d. Maria I-a-Louca, o Príncipe Regente d. João, duque dos Algarves e grande parte da Córte, tiveram

---

(\*) — Resumo de palestra proferida sob os auspícios da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Franca, em 19 de junho de 1965 (Nota da Redação).

que deixar o solo português, com um séquito de cerca de 15.000 pessoas embarcadas às pressas, em barcos mercantes, com uma escolta de navios de guerra ingleses e portugueses. Ora, uma das naus, a **Conde Don Henrique**, transportava a Academia Real dos Guardas-Marinhas que, sem dúvida, foi o núcleo primitivo da nossa Academia Naval (Escola Naval). Essa força naval portuguesa permaneceu no Brasil e teve papel destacado no desembarque e ocupação da Guiana Francesa.

\*

\* \* \*

### 1.º PERÍODO (1822-1848): NAVIOS À VELA (1).

#### O início da Marinha.

A Marinha Brasileira nasceu com a Independência. Os seus primeiros elementos foram aqueles trazidos por ocasião da transmigração da Família Real, inclusive navios e pessoal que aderiu em grande parte ao novo Estado que então surgia.

Para conseguir a completa emancipação do Brasil, o Governo Imperial compreendeu imediatamente que isso dependeria da conquista do poder marítimo e da tomada das bases portuguesas espalhadas ao longo do litoral brasileiro: Belém, São Luís, Recife, Bahia e Montevideu. Para isso, providenciou com a possível urgência a formação duma modesta esquadra de alto mar com as unidades que pôde conseguir. Mas o problema mais grave encontrado foi o da oficialidade, que teve de ser recrutada em grande parte no estrangeiro, principalmente na Inglaterra e na França (2). Para chefiar elementos tão heterogêneos era necessário um chefe bastante enérgico e experimentado. Esse chefe foi Lord Thomas Alexander Cochrane que se distinguiu como comandante em chefe

---

(1). — Este período vai da criação da Marinha Nacional até 1848, quando foi adquirido o primeiro navio a vapor, a fragata de rodas d. Afonso, embora já existissem as barcas a vapor *Correio Imperial*, *Correio Brasileiro*, *Liberal* e *Águia* que, entretanto, não eram navios de guerra. Apud César da Fonseca, *A Evolução da Marinha Brasileira*. Sinopse. 1822-1958. Rio de Janeiro, 1961, pág. 20.

(2). — Foram contratados 19 oficiais da Marinha inglesa, inclusive Lord Cochrane: John Taylor, Thomas Sackville Crosbie, John Pascoe Grenfell, James Sheperd, Steve Charles Cleuley, James Norton, Samuel Gillet, George Clarence, John Rogers Glidon, Charles Watson, William James Inglis, Duncan Macright, Ambrose Charles, George Cowan, Ralf Wright, Charles Moszehu, Joseph Histcostam e Charles Jell. Foram contratados também três oficiais franceses: Reol Mongenat, Junius Villeneuve e Jean Baptiste Bailly. Apud César da Fonseca, *op. cit.*, págs. 7 e 9-10.

da esquadra chilena na Guerra de Libertação do Chile e do Perú (1817-1822) e que vivia retirado numa propriedade que possuía nos arredores de Valparaíso (3).

Além dos oficiais contratados no estrangeiro, foram aproveitados diversos órgãos criados por d. João VI: Secretaria da Marinha, Quartel-General, Intendência e Contadoria, Arsenal, Academia dos Guardas-Marinhas, Hospital, Auditoria, Conselho Supremo Militar, Fábrica de Pólvora, Cortes de Madeira, etc. (4).

Foi nomeado como nosso primeiro Ministro da Marinha, por decreto de 28 de outubro de 1822, o Capitão de Mar-e-Guerra Luís da Cunha Moreira, em substituição ao Almirante Manuel Antônio Farinha, que exercera êsse cargo antes da Independência.

O Ministro da Fazenda, Martim Francisco Ribeiro de Andrada, teve a idéia de uma subscrição nacional para se conseguir a aquisição de uma frota de guerra (5), mediante a subscrição de ações no valor de 800 réis cada uma. Tôdas as cidades e vilas foram convidadas, por três anos, a colaborar na coleta e enviar ao Tesouro o montante apurado.

Por decreto de 21 de março de 1823 foi Lord Cochrane nomeado Almirante da Armada Brasileira, o primeiro que tivemos. Içou êle o seu pavilhão de Comandante-em-chefe na nau (6) **Pedro Primeiro**, de 74 bôcas de fogo e que estava sob o co-

(3). — Aldo M. Azevedo, *Lord Cochrane, Primeiro Almirante Brasileiro*, in "Revista de História", São Paulo, 1954, n.º 19, págs. 101-130.

(4). — César da Fonseca, *op. cit.*, pág. 5.

(5). — O teor do decreto é o seguinte:

"Havendo tomado em séria consideração o Plano, que baixa junto com êste, de uma módica subscrição mensal para a compra gradual de novas embarcações de guerra, ou reparos e concertos das antigas, o que êle foi oferecido por homens de zêlo, sinceros e ardentes, amigos da causa do Brasil, e Minha, e considerando além disto que a extensa Costa, e contínuos Portos dêste rico, ameno e fértil Império, que a Providência talhava para os mais altos destinos de glória e de prosperidade, só podem ser bem definidos por uma Marinha respeitável, e que para obter esta, deve com preferência escolher e abraçar aquêles meios que mais cêdo conduzirem a tão úteis fins, sem contudo gravarem ou empobrecerem o povo".

"Hei por bem aprovar o referido Plano, nomeando desde já para Fiscal da Comissão Luís da Cunha Moreira, de Meu Conselho de Estado, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha".

"E outrossim, recomendar mui positivamente aos Governos e Câmaras das diferentes Províncias dêste Império o exato e pontual desempenho das obrigações que pelo mencionado Plano ficam a seu cargo".

"Palácio do Rio de Janeiro, em 24 de janeiro de 1823".

"Com a Rubrica de Sua Majestade Imperial — Martim Francisco Ribeiro de Andrada". Apud César da Fonseca, *op. cit.*, págs. 6-7.

(6). — Nau. Nome genérico que servia para designar até o século XVI os navios de grande porte, com acastelamentos à proa e à popa, de pano

mando de Crosbie. A Esquadra sob as suas ordens constava dos seguintes navios, entre outros: fragatas (7) **Piranga** e **Niterói**, brigues (8) **Real Pedro** e **Guaraní**, corvetas (9) **Maria da Glória** e **Liberal**.

### A libertação da Bahia.

A primeira missão recebida por Lord Cochrane foi a de apoiar o exército do General Labatut na sua luta contra os portugueses na Bahia.

Em abril de 1823 a Esquadra brasileira zarpava, e 20 dias depois chegava à Bahia para apoiar o bloqueio feito aos portugueses. Inesperadamente, a 4 de maio a frota lusitana, sob o comando do Almirante José Felix de Campos, forte de 12 navios, com 399 canhões e 4.150 homens entre tripulação e embarcações, saiu do porto em formação de batalha.

Cochrane, com a força que dispunha, não estava em condições de enfrentar um inimigo tão superior em meios, por isso resolveu hostilizar a frota inimiga sem engajar-se a fundo. Atacou com a **Pedro Primeiro**, mas as outras unidades sob seu comando desobedeceram suas ordens, em virtude de grande parte da tripulação ser composta ainda de portugueses, além de não estarem os marujos adestrados. Cochrane desembarcou as suas tripulações no morro São Paulo e embarcou os melhores elementos na nau **Pedro Primeiro** e na corveta **Maria da Glória** (sob o comando do francês Beurepaire) para continuar o patrulhamento em alto mar.

Em 22 de maio deu-se o combate de Olaria, em que as canhoneiras (10) **25 de Junho**, **d. Januária** e **Vila de São Fran-**

---

redondo e que, na sua maioria, arvoravam um só mastro. Posteriormente, o seu tamanho aumentou. O número de cobertas era variável, mas, em geral, três ou quatro. Consoante o número destas, variava o de peças de artilharia nelas montadas. Apud Comtes. Humberto Leitão e J. Vicente Lopes, *Dicionário da Linguagem de Marinha antiga e atual*. Lisboa, 1963. Centro de Estudos Ultramarinos, pág. 284.

- (7). — **Fragata**. No tempo dos navios de vela era um vaso menor que a nau, mais ligeiro que ela, sem acastelamentos, armado em galera e com duas cobertas onde montavam entre 30 a 60 peças. Apud Leitão e Lopes, *op. cit.*, pág. 213.
- (8). — **Brigue**. Navio de vela de pano redondo, com dois mastros, cada um dos quais com dois mastaréis e armando o papafigos, gáveas, joanetes, sobres e, ainda, um latino quadrangular no mastro de ré. Tinha gurupês e o correspondente velame. Apud Leitão e Lopes, *op. cit.*, pág. 86.
- (9). — **Corveta**. Navio de guerra de dois mastros, cujo aparelho pouco differia do aparelho do brigue. No mastro grande, que ficava para a ré do meio do navio, envergava a mezena. Era um navio de uma só bateria e menor que a fragata. Apud Leitão e Lopes, *op. cit.*, pág. 144.
- (10). — **Canhoneira**. Navio de guerra de pequeno deslocamento e destinado especialmente a serviços de polícia na costa e rios. Apud Leitão e Lopes, *op. cit.*, pág. 103.

cisco, comandadas pelo 1.º tenente João das Botas, sustentou combate contra 7 navios portugueses, aprisionando um dêles.

A 1.º de julho de 1823 a Esquadra portugêsa saiu do pôrto novamente, talvez rumo ao Maranhão, comboiando cêrca de 60 navios mercantes, por julgar o comando lusitano que a Bahia não oferecia condições mínimas de segurança, em virtude da opposição dos patriotas baianos. A Esquadra brasileira pôs-se em perseguição ao combôio. Cochrane com a corveta **Princesa Real** e a nau **Pedro Primeiro** hostilizava os navios de guerra e os transportes de tropas; o restante da frota brasileira atacou os navios mercantes para impedir o envio de reforços aos portugueses ao Maranhão. Cochrane atacava e fugia, pois não podia engajar-se a fundo com os poucos elementos que possuía, mas, mesmo assim, evitou o desembarque no Maranhão e conseguiu aprisionar a fragata **Grão Pará** com um regimento português a bordo, além de mais quatro outros navios. Com o auxílio do brigue **Bahia** levou a sua presa para o Recife. A Esquadra portugêsa só conseguiu chegar a Lisboa com 13 dos 70 navios que formavam o combôio que saiu da Bahia.

Na perseguição ao combôio lusitano distinguiu-se sobremaneira o Capitão-de-fragata John Taylor, comandante da **Niterói**, que chegou até as costas de Portugal, tendo feito diversas presas.

#### **A libertação de Montevidéu.**

Ao mesmo tempo que ocorria êsses acontecimentos na Bahia, d. Pedro I ordenou ao Almirante Carlos Frederico Lecor, 1.º barão de Laguna, que forçasse as tropas portugêsas, que ocupavam Montevidéu, a embarcarem para a Europa, o que foi feito com tranportes enviados do Rio de Janeiro. Houve encontros bélicos entre uma Esquadilha portugêsa sob o comando de D. Alvaro de Macedo e uma Divisão brasileira que procurou e conseguiu abordar vários navios lusitanos, continuando a perseguição até o litoral de Portugal.

\*

#### **A libertação de São Luís e de Belém.**

A Província do Maranhão foi libertada por um estratagemma e com muita astúcia, sem um único tiro, conseguindo Cochrane enviar para Portugal a guarnição lusitana, mas aprisionando o brigue **Dom Miguel** e oito canhoneiras.

Logo após Grenfell, comandando o **Dom Miguel**, conseguiu a rendição de Belém e a sua adesão à causa da Independência.

Cochrane, após libertar quase um têtço do atual território brasileiro, foi recebido pessoalmente pelo Imperador Pedro I quando chegou ao Rio de Janeiro. Em 23 de novembro de 1823 foi nomeado Marquês do Maranhão e recebeu a Ordem do Cruzeiro do Sul. Dois anos depois Portugal reconhecia a Independência do Brasil.

\*

### **A Guerra da Cisplatina (1825-1828).**

Em abril de 1825 surgiu um movimento revolucionário na Província Cisplatina, sem dúvida insuflado e estipendiado pela Argentina — então Províncias Unidas do Rio da Prata — que pretendia incorporar o Uruguai ao seu território.

O Brasil dispunha no momento de 96 vasos de guerra, dos mais variados tipos, com cêrca de 690 canhões. Iniciadas as hostilidades, a Esquadra brasileira estacionada em Montevidéu, sob o comando do Almirante Rodrigo Lobo, logo procurou bloquear Buenos Aires e os outros portos argentinos.

O govêrno das Províncias Unidas do Rio da Prata conseguiu obter a cooperação do muito capaz Almirante Brown, veterano da Guerra da Independência e vencedor dos espanhóis em Montevidéu.

Brown conseguiu armar uma frota de 19 navios composta de corvetas, goletas (11), brigues, canhoneiras, tripulados na sua maioria por marujos estrangeiros e tendo por base Los Pozos, perto de Buenos Aires, pôrto de difícil acesso aos navios brasileiros, de muito maior calado, que não podiam manobrar fãcilmente nos canais e bancos de areia do estuário do Rio da Prata.

A situação estratégica não era favorável ao Brasil que, além de ter suas melhores bases longe do teatro de operações, tinha por missão bloquear um grande número de portos inimigos e destruir sua fôrça naval, ao passo que os argentinos podiam escolher a ocasião e o local de ataque, já que estavam na defensiva.

Os primeiros encontros foram em fevereiro de 1826 e tiveram um resultado incerto. Em abril, Brown tentou abordar à noite e de surpresa a fragata brasileira **Imperatriz**, surta em

(11). — Goleta. Denominação derivada do espanhol goleta e do francês *goélette*. Pequena embarcação de dois mastros, com a gávea à proa.

frente a Montevideu, mas foi repellido com grandes perdas. Alguns dias depois a Esquadra argentina apossou-se da ilha de Martín Garcia, chave do estuário do Rio da Prata. Por esse motivo Rodrigo Lobo respondeu Conselho de Guerra e foi substituído pelo Almirante Rodrigo Pinto, que dividiu a Esquadra em 3 divisões com a missão de, respectivamente, bloquear o estuário do Rio da Prata, bloquear as costas uruguaias e bloquear Buenos Aires. Em terra os acontecimentos não foram de todo favoráveis ao Brasil, como o prova a indecisa e discutida batalha de Ituzaingó (12).

Em 6 de abril de 1827 Brown furou o bloqueio brasileiro e conseguiu fazer-se ao largo com 3 brigues e 1 goleta. Avistado pelo Capitão-de-mar-e-Guerra Norton, que comandava uma esquadilha de 2 corvetas, 5 brigues e 1 goleta, foi obrigado a lutar e foi vencido em frente à ilha de Santiago. Os brasileiros se apossaram do brigue **República** e incendiaram o **Independência**. Brown transferiu-se para a goleta **Sarandi**, mas tendo sido ferido bateu em retirada. Esse foi o último combate entre as duas esquadras. Um ano depois terminou a guerra e pelo Tratado do Rio de Janeiro, em que o Brasil e a Argentina reconheciam a independência da Província Cisplatina que recebeu o nome de República Oriental do Uruguai.

\*

### **A marinha durante o período da Regência (1831-1840).**

Com a abdicação de Pedro I não cessaram as lutas armadas que tomaram então, nitidamente, o caráter de uma verdadeira guerra civil. A Marinha teve que intervir na rebelião dos Cabanos (1835-1837) no Pará, na Guerra dos Farrapos (1835-1845) no Rio Grande do Sul — na qual Garibaldi tomou parte lutando contra o Império.

Como as comunicações terrestres eram precárias, para não dizer inexistentes, coube à Marinha fazer o grosso do transporte de tropas, mantê-las municionadas e apetrechadas, além de exercer um bloqueio no litoral das províncias rebeladas.

Nesse período foram reorganizados o Ministério da Marinha e o Arsenal, além da Academia Naval. Também nessa época

---

(12). — Cf. Amílcar Salgado dos Santos, *A batalha de Ituzaingó*. Rio de Janeiro, 1921.

ca foram criadas as tripulações (voluntários) do Corpo dos Imperiais Marinheiros (13).

Foi nessa época que a navegação a vapor tomou impulso e o Brasil apressou-se a modernizar a sua Esquadra, adquirindo no estrangeiro alguns navios, substituindo os canhões de alma lisa por outros de alma raiada, de muitíssimo maior alcance. Também os arsenais e bases navais foram melhor aparelhadas com novas oficinas.

\*

\* \*

## 2.º PERÍODO (1848-1870): NAVIOS A VAPOR.

### A Guerra contra Oribe e Rosas (1851-1852).

A criação do Estado uruguaio não acalmou as ambições argentinas de anexação desse território às suas províncias. Rosas, o ditador argentino, fez invadir o Uruguai pelo seu lugartenente Oribe. O Brasil, não podendo permanecer de braços cruzados em virtude do Tratado do Rio de Janeiro, aliou-se ao Uruguai e ao governador rebelado da província argentina de Entre-Rios, o General Urquiza.

O Brasil concentrou no Rio da Prata uma frota de 17 navios sob o comando do veterano Grenfell, composta da fragata **Constituição**, 10 corvetas e brigues e 6 navios a vapor. Nessa esquadra foi transportada uma divisão do exército brasileiro como força de desembarque.

A incessante atividade da nossa Marinha influiu bastante na queda de Oribe, pois a 15 de dezembro uma divisão naval brasileira, sob o comando de Grenfell e composta de 4 fragatas a vapor, 2 corvetas a vela, 1 brigue e alguns transportes remontou o rio Paraná com 4.000 soldados do exército a bordo. Foi nessa ocasião que Grenfell forçou a passagem de Toneleros, fortemente artilhada com baterias de canhões dispostas ao longo desse curso d'água. A Esquadra fez uma excelente guarda de flanco à divisão brasileira do exército e após a batalha de Monte Caseros veio lançar ferros diante de Buenos Aires.

\*

---

(13). — Giuliano Giacomini, *História da Marinha Brasileira*. Tradução do italiano por Pedro de Miranda, in "Revista Marítima Brasileira", Ano LXXXIII, janeiro-março de 1963, n.ºs 1, 2 e 3, pág. 88.

### A guerra contra o Uruguai (1865).

A guerra civil, latente no Uruguai, explodiu em 1865. **Blancos** e **colorados** não se entendiam e vieram às mãos, o que forçou o Governo Imperial a intervir devido as implicações do conflito com o Rio Grande do Sul e o interesse da nossa política que consistia sempre em manter aberta a ligação fluvial com o Mato Grosso.

Com o apôio da Esquadra, sob o comando de Tamadánré (14), o General uruguaio Flores (**colorado**) pôde tomar Salto e investir Paisandú, na margem do Rio Uruguai, que foi tomada com o auxílio da artilharia naval, pelo exército brasileiro auxiliado por companhias de marinheiros desembarcados.

Tomada a cidade de Paisandú, Tamandaré desceu o Rio Uruguai e veio bloquear Montevidéu ainda em poder de Aguirre (**blanco**). Em 20 de fevereiro capitulava Montevidéu e Flores subia ao poder. Com isso a Marinha contribuiu para desarticular a última tentativa, com o auxílio argentino, de restaurar o antigo Vice-Reinado do Rio da Prata.

\*

### O início da Guerra do Paraguai (1865-1870) (15).

Uma das conseqüências da guerra contra o Uruguai foi a intromissão do ditador paraguaio, Francisco Solano Lopez, na questão do Rio da Prata. O território do Paraguai estando compreendido entre o Brasil e a Argentina, temia êle que o Governo Imperial acabasse novamente se apossando do Uruguai. Ambicionando uma saída direta para o Oceano Atlântico, lançou-se a uma política de intimidação para alcançar os seus fins, procurando colocar-se como mediador no conflito entre **blancos** e **colorados**. Ora, o Brasil não podia aceitar em absoluto essa pretensão de Lopez, pois se êle dominasse o estuário do Rio da Prata poderia estrangular completamente as comunicações entre Mato Grosso e os portos brasileiros do Atlântico.

Não obtendo sucesso com sua intimidação, Solano Lopez passou à agressão pura e simplesmente, aprisionando, sem aviso prévio, próximo de Assunção, o vapor brasileiro **Marquês**

---

(14). — Cf. Gustavo Barroso, Tamandaré, o Nelson brasileiro. Editôra Guanabara. Rio de Janeiro.

(15). — Apesar de velho é ainda bem interessante a leitura do livro do Visconde de Ouro Preto, A Marinha d'Outrora (Subsídios para a História). Rio de Janeiro. Domingos de Magalhães Editor. 1894. xii + 467 págs.

de **Olinda** que levava a seu bordo o nôvo presidente do Mato Grosso, Carneiro Leão, além de numerosos outros passageiros. Capturou também a canhoneira fluvial **Anhambai**, estacionada em território brasileiro. Não satisfeito com êsses atos de agressão, em abril de 1865 invadiu a Província de Mato Grosso, penetrou em território argentino, ocupando a cidade de Corrientes. Logo a seguir invadiu também a Província do Rio Grande do Sul.

A 1.º de maio, Argentina, Brasil e o Uruguai firmaram um pacto de auxílio mútuo, que se chamou Tríplice Aliança, e passaram a contra-ofensiva. Era a guerra.

\*

### **As fôrças navais dos contendores.**

A Esquadra brasileira podia contar nessa época com cêrca de 40 navios a vapor — mas de madeira — com perto de 250 canhões. Durante as hostilidades ela foi acrescida com cêrca de uma vintena de unidades encouraçadas, construídas expressamente para a navegação fluvial. Dêsses barcos, uma dezena deslocava de 800 a 1.700 toneladas e possuía uma cinta couraçada de 60 a 100 mm ao longo de tôda a linha de flutuação. Dispunham também de 6 ou 8 canhões num reduto central couraçado, ou 2 ou 4 peças de 152 mm em tôrres giratórias. Essa esquadilha era completada por 6 pequenos monitores fluviais construídos no Rio de Janeiro e armados com um canhão de 178 mm instalado numa tôrre central fixa.

A Argentina e o Uruguai praticamente não possuíam marinha de guerra.

O Paraguai há muito tempo vinha organizando uma pequena, mas possante frota de guerra fluvial, adquirindo algumas corvetas e armando numerosos paquetes de rodas ou môvidos a hélice. Inventaram, ou puseram em uso, um nôvo tipo de embarcação: a "chata", uma espécie de bateria flutuante com um canhão de 68 a 80 libras e rebocada pelas unidades maiores.

\*

### **Início das operações navais por parte do Brasil.**

Inicialmente a frota brasileira, estacionada no Rio da Prata, compunha-se dos seguintes navios de madeira — vapores de roda: **Amazonas**, **Taquarí**, **Recife**, **Paraense**; navios de hélice: **Niterói**, **Paraíba**, **Jequitinhonha**, **Belmonte**, **Mearim**, **Maracanã**,

**Itajaí, Beberibe, Araguari, Ivaí, Iguatemi, Ipiranga;** navios à vela: a corveta **Baiana** e os transportes **Iguaçu** e **Peperiguaçu**. A **Niterói** e a **Baiana**, devido ao seu grande calado, não podiam ir além da ilha Martín Garcia.

O Brasil, devido a sua situação política e estratégica, só podia contar, inicialmente, com a sua Marinha, pois o Exército precisava de tempo para ser mobilizado e além disso devia ser transportado para o teatro de operações em navios, o que só poderia ser feito com o domínio do estuário do Rio da Prata.

O Almirante Tamandaré inicia as hostilidades com um bloqueio do estuário do Rio da Prata, aliás cumprindo determinações do Governo Imperial, que ordenara essa medida em 10 de abril de 1865. Ordens foram dadas à Divisão naval sob o comando de Segundino Gomensoro, composta do **Jequitinhonha** (capitânea), **Ipiranga, Beberibe, Iguatemi, Itajaí, Belmonte, Araguari, Mearim** e o transporte **Peperiguaçu**, de remontar o rio.

Tendo havido necessidade de reforçar as fôrças navais sob as ordens de Gomensoro, assim como as tropas de Exército, partem de Buenos Aires — sob o comando do chefe de divisão Francisco Manuel Barroso, investido na chefia das fôrças navais brasileiras no teatro de operações —, rio acima a fragata **Amazonas** (capitânea), a corveta **Paraíba**, a canhoneira **Ivaí** e vários transportes conduzindo uma brigada de infantaria brasileira.

A 17 de maio de 1865, não podendo a fragata **Amazonas** navegar em águas pouco profundas, Barroso passa seu comando para um barco menor, chegando a Bela Vista em 20 de maio, onde assumiu o comando da 2a. e 3a. divisões da Esquadra.

No dia 24 de maio a Esquadra levantou ferros, fundeando sucessivamente em Rincón de Soto e Corrientes, que foi retomada aos paraguaios depois de um vivo combate em que tomaram parte saliente as fôrças navais brasileiras e tropas terrestres do Brasil e da Argentina.

Essa ação dos aliados levou Solano Lopez a ordenar ao General Robles, que já tinha avançado até Bela Vista e Goya, que retornasse rumo ao Norte, o que forçou o abandôno novamente da cidade de Corrientes pelos aliados, devido à pressão dos 20.000 soldados paraguaios.

Visando cortar a retirada da frota brasileira, fundeada a montante do rio, Robles acampou em Riachuelo, tendo fortifi-

cado as barrancas do rio com 22 canhões de 68 a 32 libras e 2 baterias de foguetes a Congrève (16).

Enquanto as forças terrestres paraguaias se movimentavam para apoderarem de Entre Rios e Corrientes e talvez do Uruguai — tendo fracassado na tomada do Rio Grande do Sul — a Esquadra brasileira reativou o bloqueio na altura de Corrientes, impedindo a retomada da ofensiva paraguaia rumo a Buenos Aires e o Rio Grande do Sul, de tal maneira que Lopez viu-se forçado a tomar uma iniciativa que libertasse o Paraguai do estreito bloqueio em que se encontrava, e cujos efeitos já se faziam sentir de maneira desastrosa.

Durante essas operações Barroso aproveitara o tempo para adestrar os comandantes de navios, mais afeitos às lides marítimas do que às fainas fluviais. As tripulações foram bastante treinadas, principalmente os artilheiros.

Para romper o bloqueio a Esquadra paraguaia, sob o comando do bravo e competente Comodoro Pedro Meza, desceu o Rio Paraguai com numerosa tropa de abordagem e veio ancorar nas proximidades de Riachuelo, numa pequena curva, tendo recebido ordens para que descesse o rio na calada da noite, mantendo uma velocidade que permitisse chegar às 2 horas da madrugada em frente de Corrientes e prosseguir a tôda força pelo canal de Leste, às escuras, a fim de passar despercebida à Esquadra brasileira. Na curva do Riachuelo deveriam ficar as chatas alinhadas e, em seguida, os navios paraguaios deviam, a todo vapor, emparelhar-se com os vasos brasileiros que se achavam fundeados a cinco milhas SW de Corrientes e outras tantas milhas a NE de Riachuelo. Deveriam desfechar violento fogo e em seguida abordar as naves brasileiras. O plano era magnífico, mas houve avarias num dos navios, o que ocasionou sensível atraso no que fôra programado, pois foi somente às 9 horas da manhã, com um dia claro e um tempo muito bom, que as duas esquadras se defrontaram.

\*

---

(16). — Foguete Congrève. Petrecho inventado pelo artilheiro inglês William Congrève (1772-1828). Consistia num engenho de guerra de corpo cilíndrico, de fôlha de ferro, onde se colocava o misto para a projeção; na parte anterior do corpo ou cabeça, havia uma granada de composição incendiária. Este foguete lançava-se colocando as respectivas varas ou caudas em calhas dispostas sobre cavaletes e dando-lhes a inclinação e direção convenientes. Podiam ser lançados também de bordo dos navios. Apud Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Editorial Enciclopédia Limitada. Lisboa-Rio de Janeiro, vol. VII, pág. 436.

**A batalha do Riachuelo (17).**

Descendo o rio a todo vapor e aproveitando a fôrça da corrente, apenas um quarto de hora após se avistarem iniciou-se o combate com os primeiros disparos de artilharia. As esquadras evoluíram, descendo a paraguaia até se colocar sob a proteção das baterias camufladas nas barrancas do rio e sob o comando de Bruguez.

**FORÇAS NAVAIS EM LUTA (18).**

Brasileiros	Armamento, calibre em libras	Paraguaios	Armamento, calibre em libras
2a. Divisão Almirante Barroso		Corveta <b>Taquarí</b> (CF. Meza)	II-68; VI-32
Fragata <b>Amazonas</b>	I-70; I-68; IV-32	Corveta <b>Paraguari</b>	II-68; VI-32
Corveta <b>Paraíba</b>	I-70; II-68; IV-32	Corveta <b>Iguareí</b>	III-68; VI-32
Canhoneira <b>Araguari</b>	II-68; II-32	Paquete <b>Iporá</b>	IV-18
		Paquete <b>Marquês de Olinda</b>	Ex-brasileiro IV-18
Canhoneira <b>Mearim</b>	II-68; IV-32	Paquete <b>Salto Oriental</b>	IV-18
Canhoneira <b>Iguatemi</b>	II-68; IV-32	Paquete <b>Jejuí</b>	II-18
3a. Divisão (CMG) Segundo Gomensoro		Paquete <b>Pirabibé</b>	IV-18
Corveta <b>Jequitinhonha</b>	II-68; VI-32	7 chatas a reboque	
Corveta <b>Belmonte</b>	I-70; II-68; IV-32		
Corveta <b>Beberibe</b>	I-68; VI-32		
Canhoneira <b>Ipiranga</b>	VII-30		

(17). — Vide a magnífica obra de um dos artífices da vitória brasileira, **Memórias do Almirante Barão de Teffé, A Batalha Naval do Riachuelo contada à família em carta íntima poucos dias depois d'esse feito pelo primeiro Tenente Antonio Luiz von Hoonholtz (mais tarde Barão de Teffé),** Livaria Garnier Irmãos. Rio de Janeiro. 156 págs.

(18). — Giacopini, *op. cit.*, pág. 91.

As unidades brasileiras, refeitas da surpresa, suspenderam ferros e desceram o rio, aproximando-se da foz do Riachuelo com a **Belmonte** na testa. A batalha tornou-se violentíssima, apresentando inicialmente grande vantagem para os paraguaios, pois a **Jequitinhonha** encalhou, enquanto a **Paraíba** foi abordada por três vasos inimigos. Porém, logo após, a disciplina e o treinamento dos brasileiros passaram a levar a melhor e Barroso, tomando a barlavento, com a **Amazonas** partiu em socorro da **Paraíba** com o auxílio da **Belmonte** e da **Beberibe**; usando a proa do seu navio como aríete, afundou o paquete **Jejuí**, imobilizado por avaria nas máquinas e fêz em seguida o mesmo com os assaltantes da **Paraíba** e obrigou o **Salto Oriental** e o **Marquês de Olinda** a encalharem, enquanto a **Paraguari** empreendia a fuga. Porém, Barroso com a **Amazonas** foi ao seu encaço e a afundou com o seu aríete. A batalha, em seguida, degenerou num duelo de navio contra navio, levando vantagem os vasos brasileiros, apesar das baterias das barrancas do rio e das chatas, mas a **Belmonte** foi atingida na linha de flutuação pelas baterias das barrancas do rio e teve que encalhar para não ir ao fundo.

Pela volta das 4 horas da tarde estava destruído o **Salto Oriental**, depois de longo duelo com a **Paraíba**, e tôdas as chatas foram sendo afundadas uma após outra, acontecendo o mesmo com as baterias de Bruguez que foram silenciadas.

As 4 unidades paraguaias que ainda flutuavam (**Taquari**, **Iporá**, **Igureí** e **Pirabebe**) fugiram perseguidas pela **Beberibe** e a **Araguari**.

O Comodoro Pedro Meza, ferido de morte por um balázio de fuzil, morria dois dias depois em Humaitá (19).

A batalha do Riachuelo praticamente acabou com a Marinha paraguaia, mas não deu o domínio absoluto do rio ao Brasil, pois a nossa Esquadra teve muito ainda que lutar, não só para manter o rio aberto à navegação como também teve que forçar muitas fortificações e baterias postadas nas barrancas.

Essa batalha decidiu os destinos da guerra, pois possibilitou refôrço às tropas do Exército e o que é mais interessante, permitiu que os aliados retomassem a ofensiva. Os paraguaios perderam a iniciativa das operações e foram obrigados a de-

---

(19). — É interessante verificar o relato da batalha do Riachuelo pelos paraguaios que confirma o que estamos dizendo, pondo a culpa da falta da surpresa na perda de uma das peças do **Iporá**, o que atrazou de muito a operação e relatando como a **Amazonas** decidiu a luta. Vide *La Guerra de Triplice Alianza*. Album Gráfico de la Republica del Paraguay. Buenos Aires. 1911.



sistir de uma vez de se apoderarem das províncias argentinas, do Uruguai e do Rio Grande do Sul. O grande sonho de Lopez de refazer o Vice-reinado do Rio da Prata se esboroara, tanto isso é verdade que logo a seguir teremos a invasão do território guarani pelos aliados, através do Passo da Pátria.



#### **As operações navais de 1866 a 1867.**

Começa após a batalha do Riachuelo a 2a. fase da Guerra do Paraguai, com a incorporação à Esquadra de vários encouraçados e monitores próprios para a navegação fluvial, que tinham sido encomendados logo após se verificar a necessidade de forçar a abertura da navegação ao longo dos rios. Assim, foram adquiridos os encouraçados **Brasil, Tamandaré** (lançado ao mar em 1865 no Arsenal do Rio de Janeiro, sendo o primeiro navio encouraçado construído na América do Sul), **Barroso, Silvano, Lima Barros, Cabral, Colombo, Herval** e o **Rio de Janeiro**. Foram adquiridos também os monitores **Pará, Piauí, Ceará, Alagoas, Rio Grande, Santa Catarina**. Essa frota de monitores foi reforçada mais tarde com o **Grenfell, Henrique Dias, Chuí, Parnaíba, Beberibe, Ipiranga, Itajaí, Forte de Coimbra, Pedro Afonso, Magé, Princesa** e alguns transportes (20).

A 21 de fevereiro de 1866 o Almirante Tamandaré assumiu o comando da Esquadra no pôrto de Corrientes, deslocando-se em março para Três Bôcas, onde fundeou na confluência do Paraná com o Paraguai.

A primeira ação bélica sob o comando direto de Tamandaré no Rio Paraguai foi o bombardeio e a passagem do forte de Itapirú. Nessa ocasião várias chatas foram afundadas, mas os encouraçados também receberam avarias.

Em maio de 1866 (batalha de Tuiuti) o exército de Lopez foi novamente derrotado, mas conseguiu retirar-se e recolher-se aos redutos de Curuzú, Curupaití e Humaitá. Alguns meses depois caiu Curuzú, devido os bombardeios da Esquadra e o desembarque de um contingente de infantaria, mas êsse feito nos custou a perda do encouraçado **Rio de Janeiro** que bateu numa mina e afundou.

O Almirante Tamandaré foi substituído em dezembro de 1866 pelo Almirante Joaquim Inácio, que somente em agosto

---

(20). — César da Fonseca, op. cit., pág. 31.

de 1867 forçou a passagem de Curupaití com uma flotilha de 10 unidades e em seguida apresentou-se frente a Humaitá, defendida por cêrca de uma centena de bôcas de fogo, várias correntes e inúmeros torpedos e minas.

\*

### A passagem de Humaitá.

Em fevereiro de 1868, após o recebimento de um refôrço de 3 monitores, aproveitando a cheia do rio para passar por cima das correntes de ferro submersas, o Almirante Joaquim Inácio ordenou à 3a. divisão de encouraçados (**Baía, Tamandaré e Barroso**) reforçada por 3 monitores (**Rio Grande, Alagoas e Pará**), sob o comando do Capitão de Mar-e-Guerra Delfim Carlos de Carvalho, que forçasse a passagem de Humaitá. A ação da Esquadra foi acompanhada por um ataque terrestre que obteve também pleno êxito.

Os 3 encouraçados, ligados a BB com um monitor, atravessaram o passo debaixo de uma verdadeira tempestade de fogo. Distinçuiu-se na travessia o monitor **Alagoas** que tendo a sua amarra, que o prendia ao **Baía**, sido cortada por um projétil inimigo, corajosamente retomou seu lugar na formação naval, apesar do intenso fogo e da tentativa de abordagem por numerosas canoas armadas paraguaias.

A passagem de Humaitá teve grande importância no desfecho da guerra, pois completou o desmantelamento das fortificações paraguaias, tôdas apoiadas no rio. Infelizmente a ação terrestre não foi completa, pois apesar do sucesso brasileiro, Lopez conseguiu retirar o grosso dos seus canhões e levá-los para o Chaco, onde posteriormente nos dariam tanto trabalho.

A 1.º de outubro parte da Esquadra forçou o Passo de Angostura, movimento que foi completado a 5,9 e 10 do mesmo mês pelo restante das fôrças navais. O sucesso foi tal, que permitiu à Esquadra transportar 19.000 homens do Exército de Caxias, que foram desembarcados no pôrto de Santo Antônio, duas léguas acima de Villeta. A conseqüência dêsse movimento foram as vitórias de Itororó, Avaí, Villeta, Lomas Valentinas e a entrada triunfal em Assunção a 1.º de janeiro de 1869.

A Esquadra brasileira continuou a sua missão dando caça a algumas embarcações paraguaias no Rio Manduvirá, termi-

nando aí propriamente a sua missão ofensiva, pois a guerra continuou nas cordilheiras até a morte de Lopez.

\*

\* \*

### 3.º PERÍODO (1870-1910).

#### **A Esquadra, do fim da Guerra do Paraguai até a proclamação da República.**

Com o fim da Guerra do Paraguai (1870) inicia-se o 3.º período da evolução da Esquadra que se prolonga até 1910, quando o Brasil adquiriu uma frota de alto mar.

Durante êsse período a Esquadra compunha-se principalmente de navios que vinham da Guerra do Paraguai, que se eram muito bons para a navegação fluvial, não se adaptavam bem às lides marítimas.

A situação melhorou com a aquisição dos primeiros encouraçados de alto mar: o **Riachuelo** e o **Aquidaban** (de 6.000 e 5.000 toneladas de deslocamento, respectivamente), reforçados pelos monitores de alto mar **Javaí** e **Solimões** (ambos de 3.700 toneladas de deslocamento). Êsses navios foram adquiridos nos anos de 1874 e 1875 e tomaram parte saliente nas lutas civis que ensanguentaram os primórdios da República: a Revolta da Esquadra em 1891 e a Revolta da Armada em 1893-1894.

Durante o período que precedeu a Proclamação da República, a Marinha Imperial pouca atuação teve na chamada Questão Militar e isso se explica principalmente pela sua própria organização: arsenais, navios, comandos relativamente concentrados em determinados lugares, portanto muito menos sujeitos às influências que levaram o Exército a tomar parte ativa na política nacional. E o que afirmamos bem pode ser comprovado pelo último baile que a Monarquia ofereceu aos oficiais chilenos na Ilha Fiscal.

\*

\* \*

#### **CONCLUSÕES.**

A Marinha teve um grande papel na nossa História, como procuramos demonstrar ao longo dêste trabalho.

Durante o período colonial foi ela quem manteve as Capitânicas e o Governo Geral ligados à Metrópole.

Com a Independência a Marinha tornou-se ainda mais importante, pois apesar de termos tido a sorte de possuir um

Pedro I como monarca, o Brasil teria se esfacelado numa série de repúblicas — como aconteceu na América Espanhola — se não fôsse a sua ação integradora. E' certo que existe outros fatôres, mas foi ela que bloqueou, venceu e perseguiu a Esquadra portuguesa, possibilitando a união com o Rio de Janeiro.

Durante a Regência e o 2.º Reinado, aconteceu a mesma coisa: a Marinha transportou e manteve muitas das forças imperiais que acabaram por se impor aos focos de rebeldia que novamente ameaçaram a unidade nacional.

A luta no Rio da Prata — velha herança portuguesa — só foi possível com uma Marinha que se impôs e sustentou forças terrestres nas lutas contra Rosas, Oribe e principalmente contra Solano Lopez. Sem a nossa Esquadra o Paraguai não teria se apoderado do Sul de Mato Grosso, como talvez conquistasse as províncias argentinas de Corrientes e Entre Rios, além do Uruguai e quiçá parte do Rio Grande do Sul, chegando assim ao ambicionado litoral atlântico. Foi a Marinha que transportou o Corpo Expedicionário Brasileiro e o manteve apetrechado, municiado e abastecido. Se não fôsse ela, com grande dificuldade poderíamos ter expulsado o invasor do nosso solo, mas não conseguiríamos, talvez, a difícil e custosa vitória nas Cordilheiras que se arrastou até a morte de Lopez.

Teríamos provavelmente perdido o Sul do Mato Grosso, como já dissemos, por não podermos sustentar aí um grande exército capaz de enfrentar as aguerridas hostes guaranis, pois não existia nessa época a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. A célebre Retirada da Laguna foi uma trágica amostra do que teria sido uma campanha exclusivamente terrestre, tal a distância que essa nossa fronteira estava dos centros mais populosos do país.

Assim a Marinha foi o elo que manteve o Brasil unido, foi ela a sua armadura defensiva e a plataforma de onde o Império pôde desferir seus ataques de represália.

### **E. SIMÕES DE PAULA**

da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.